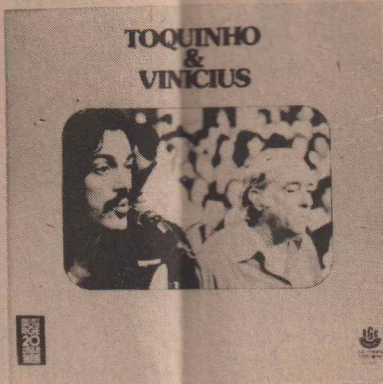


## Toca disco

### Um bom disco para receber visitas

São aqueles sambinhas "sem dor", um atrás do outro, que marcaram o início da dupla Toquinho e Vinicius, em 1970. Toquinho fazia as músicas, representando bem aquela influência de Chico Buarque ou mesmo de Maranhão, do começo da carreira, e o velho poeta Vinicius ia pondo as letras, geralmente com temas de amor. O disco é suave e muito uniforme, parecendo musiquinhas de rádio em frequência modulada, dessas que tocam em sala de espera de dentistas, escritórios ou no telefone de quem está aguardando que se desocupe um ramal de PBX. Menos nos estribilhos de *A Tonga da Mironga do Kabuletê* e *Meu Pai Oxalá*, que são mais para o samba. Uma destas músicas do disco, *Tarde em Itapoã*, parece um destes gingles de aviação comercial.



Vinicius sempre foi um poeta com bons parceiros e teve suas melhores fases com Tom Jobim e, depois, com Baden Powell. É um bom poeta — todo mundo sabe disso — se bem que costuma ser muito elaborado, o que tornam seus versos um tanto artificiais. Esta sua dupla com Toquinho, se não é a melhor, pelo menos é a mais duradoura: estão juntos até hoje, em shows e discos. Vinicius, neste LP que comemora os 20 anos da RGE, é quem canta mais, enquanto

Toquinho, vai acompanhando ao violão e fazendo uma voz de fundo aqui e ali. O velho, mesmo praticamente sem voz, consegue ser entoadado e até agradável. Em *São Demais os Perigos Desta Vida* e em *Testamento*, ele também faz declamações e aí, sim, ele é realmente bom.

A maioria destas 14 faixas fez sucesso na época e, em sempre foram as melhores. *A Tonga da Mironga do Kabuletê*, por exemplo, a que ficou mais famosa é bastante antipática. Resumindo, um disco para se por na vitrola como sambinhas de fundo enquanto se pode conversar com as visitas. São estas as 14 faixas: *São Demais os Perigos Desta Vida*, *A Tonga da Mironga do Kabuletê*, *Morena Flor*, *Quotidiano n.º 2*, *Maria Vai Com as Outras*, *Meu Pai Oxalá*, *Regra Três*, *Velho e a Flor*, *Tarde em Itapoã*, *Cno Dizia o Poeta*, *No Colo da Serra*, *Ienina das Duas Tranças*, *Paíol de Pólvora* e *Testamento*. Todas de autoria de Toquinho e Vinicius. — DIRCEU SOARES

# José Carlos Oliveira

## ATÉ LOGO, GENTE BOA

**1** Lúcio Rangel está organizando as obras completas de Rosário Fusco (alguns livros inéditos) para a Livraria Francisco Alves. Ninguém melhor que Lúcio para realizar essa tarefa com minucioso carinho. O curioso é que os jovens intelectuais cariocas foram surpreendidos com a morte e consequentes necrológios publicados nos jornais. Ignoravam a dimensão existencial do escritor, que vivia literatura com a naturalidade de quem respira, mas sem o crivo de danação e suspeita de fracasso sob o qual Kafka procurou fazer a mesma coisa: "Não quero, não devo e não posso ser senão literatura".

**2** No Rio o pintor Emeric Marcier, trazendo na bagagem o resultado do árduo trabalho a que se entregou em Paris, em regime de meio confinamento, fazendo ele próprio a sua comida, recusando-se mesmo a instalar um telefone em seu estúdio. Agora ele pretende fazer o meu retrato; acha que já vivi o bastante para trazer no rosto as marcas do tempo. Perguntou-me como estávamos aqui no Brasil e lhe falei na confusão geral, com aspecto de iminente libertação. Para Marcier, cristão de obstinado confronto com o Cristo, uma notícia alegre: parece que os católicos desgarrados estão dispostos a voltar ao rebanho.

**3** Tom Jobim volta dos Estados Unidos e começa um show no Canecão com Vinicius de Moraes, Miúcha e Toquinho. Graças a Miúcha, recuperou o apetite, entregando-se ao trabalho com alarmante furor. Inclusive aos sábados e domingos, Miúcha tinha que se encontrar com ele às nove da manhã. Os ensaios só terminavam lá pelas 11 da noite.

Estourou uma bomba na sessão solene com que se distribuíram, em São Paulo, os prêmios ao Concurso Unibanco de Contos. A bomba era uma peça oratória da lavra de Otto Lara Resende. Tese por ele defendida: os prêmios são bons, mas entre um concurso e outro o escritor se vê devolvido à solidão social. A literatura exige dele um tempo que ele deve roubar à atividade paralela com que garante o leite das crianças. Otto estava endiabrado, provocando risos nervosos naqueles que não sabiam se escutavam uma vasta brincadeira ou uma diatribe para valer. Agora, Otto Lara nos deve a publicação desse texto, que foi devidamente gravado em fita. Numa dessas revistas mensais, ditas masculinas, esse material encontraria o lugar certo, provocando talvez uma discussão estimulante. Os escritores brasileiros andam muito acomodados, certo?

**4** Por mim, entro em férias. Nos próximos 30 dias vou dar duro na máquina de escrever, refazendo a narrativa "Aventuras de 1001 (título provisório), que se tudo correr bem vai ser publicada ainda este ano. Serão, portanto, férias espirituais; um tema, desde logo, deixarei de estudar: a política. Estou com a cabeça cheia de minhocas, tudo se tornou político de repente, até as criancinhas de escola fizeram sua passeata, exigindo a volta da professora que permitia ao aluno ir ao banheiro durante a aula, ou beber água quando sentia sede. Dizem que os manifestantes-*m i r i n s* carregavam uma faixa inspirada na Carta aos Brasileiros: "Nós, os líderes de amanhã, queremos fazer pipi — e já!" Reivindicação justa, bem se vê. Estou com as criancinhas do Brasil, e não abro.

Bem, espero que os leitores ainda estejam aqui, quando eu voltar. Teremos coisas novas a conversar, talvez até coisas amenas prevaleçam sobre os dramas que nos solicitam por toda a superfície deste planeta em transformação acelerada. Até breve.

ORAES

### ULTIMA HORA

31 / 8 / 177

#### SERENADAS

● A moçada do Grupo de Ouro, através do compositor Mendes da Manguieira, avisando ao Royzinho que sexta-feira vindante os convidados de honra da roda de samba no Maxwell serão Herivelto Martins e Pery Ribeiro. ● A cantante-sambista Alcione foi eleita a "Rainha dos Músicos" de 1977. Aliás, a menina tem dado muita força aos compositores e instrumentistas. ● Alcione estará nos

dias 28 e 29 de setembro cantando no "Fino da Música", no Anhembi, São Paulo. ● Emílio Santiago e seu trio, formado por Aladim (bateria), Tibério (baixo) e Max (guitarra) estarão dia 3 vindante no clube Santa Mônica, em Curitiba, e no dia 10 no Clube Concórdia, em Campinas, São Paulo. ● "Os Saltimbancos" estão se alastrando rapidamente pelo País. Depois da bem sucedida montagem carioca, o musical infantil será encenado também em Porto Alegre São Paulo e

Salvador. ● Depois de seis meses de sucesso absoluto de crítica e público no **Teatro da Praia**, no Rio, o **show** "Pássaro da Manhã", de Maria Bethânia, está alçando vôo noturno até o dia 11 vindante em Porto Alegre. ● O poetinha Vinicius de Moraes vai comemorar seus 64 anos, dia 28 de setembro, estreando seu **show** no **Carnecão**, junto com Tom Jobim, Toquinho e Miúcha. A temporada deverá se estender até o final do ano. ● Depois de brilharem intensamente em duas

temporadas no **Teatro Fonte da Saudade**, as meninas que integram o Quarteto em Cy estão dizendo no gogó na Bahia até o dia 4 vindante. ● O O Homem do Sapato Branco tá sabendo que Fafá de Belém bateu seu próprio recorde em uma apresentação na cidade de Aguai, São Paulo, reunindo num estádio de futebol nada menos que 18 mil pessoas. ● É isso aí xará. Pra frente que atrás vem gente. Falei, disse, mandei, baixei, milonguei e saravei.

VII

### ROY SUGAR



## Carlos Imperial

### Uma boa resposta para Daniel Filho

**Daniel Filho** declara que "no Brasil é raro um diretor viver só de cinema. Muito diretor de cinema tem atividades paralelas". Isso não é verdade, não, **Daniel**. Cineasta é cineasta mesmo. Vive mal, aos trancos e barrancos mas vive do seu trabalho no cinema. Cinema bem feito, com inteligência, dá até pra comprar casa na Barra da Tijuca, ter carro do ano, uma boa conta bancária e rejeitar contratos de TV.



### TRANSAGERAL

**Carlos Eduardo Novaes.** Profissão? Autor teatral. Vem aí seu segundo texto falando da maior paixão dos brasileiros (quem pensou em mulher, se enganou): futebol. A peça chama-se "WM-Na Boca do Túnel". Será dirigida por **Cécil Thiré** (também produtor da mesma), que escolheu **Nelson Xavier** para o papel principal. Estréia quando setembro vier, no Teatro da Galeria. Terceira rodada. Futebol à parte, o Canecão já escolheu o elenco que vai participar do

"Nove e Meia" n.º 3: Rosinha de Valença, "a que canta por uma cidade inteira", **Dominguinhos, Moreira da Silva, Carlinhos Lyra** e orquestra regida por **Edson Frederico**. Para quem não sabe, em final de setembro, o espetáculo mudará de nome porque passará para novo horário. Chamar-se-á "Nove em Ponto". Isto porque, a dupla **Toquinho & Vinicius de Moraes** vai estreiar às 23 horas.

### Brigitte + Colé = nova revista



COLE

"É Trolha na Xavasca" é o título da revista que Colé e Brigitte Blair vão liderar no Teatro BB. Alex Matos vai fazer a coreografia e Luiz Magnelli será o ator convidado. Brigitte e Colé já estão selecionando moças para modelos. Vai ser um sucesso. Rir e mulher bonita são as coisas que o carioca mais curte.

# Quer que o Itaú dê uma mãozinha para você comprar um carro novo?

O Itaú está oferecendo a melhor ajuda para quem tem um carro que vive enguiçando: dinheiro para a compra de um carro novo.

Para dar partida nesse financiamento você não precisa fazer nenhuma manobra especial: basta estacionar em qualquer agência do Itaú e falar com o gerente. Ele resolve tudo em alta velocidade. Arruma o dinheiro para você fazer o melhor negócio comprando o seu carro a vista. Oferece planos de até 24 meses para você pagar.

E além de ter o menor coeficiente da praça, não tem aquelas taxas adicionais que costumam aparecer depois. (Você pode fazer as contas na ponta do lápis, comparando o financiamento do Itaú com qualquer outro, que você vai ver que o nosso é mais negócio.)


O financiamento de automóveis é mais um dos serviços que o Banco Itaú oferece aos seus clientes e até mesmo para quem ainda não é cliente.

Aproveite para comprar seu carro zerinho ou usado.

Não é todo dia que aparece alguém disposto a dar uma mãozinha como esta para você.



Autobank. Financiamento de Automóveis. Mais um bom motivo para você ser cliente de um banco só.

A collage of various alcoholic drinks in different glasses on a patterned tablecloth. The drinks include red wine, purple wine, yellow wine, orange wine, green wine, and blue wine. The tablecloth has a repeating pattern of black circles on a white background. The glasses are arranged in a grid-like fashion, with some overlapping. The colors of the drinks are vibrant and saturated.

# O que o jovem está bebendo?

por A. L. Bizinover (Rio) e  
Alex Branco (SP)

*Jovens somos todos nós que gostamos da vida. E uma das boas coisas que ela nos oferece é a possibilidade de bebericar, esquecidos do tempo, em boa companhia. Qual a bebida que está ganhando a preferência daqueles que sabem beber no Rio e em São Paulo? Durante anos o cuba-libre e o hi-fi respondiam fácil a pergunta. Mas, e agora?*

eLE BEBIDAS

"E por falar em saudade, em razão de viver, você bem que podia me aparecer, nesses mesmos lugares, na rotina dos bares, que apesar dos pesares me lembram você."

Até a época em que fechou o Zeppelin, no Rio, a rotina dos bares cantada por Vinicius de Moraes em Onde Anda Você obedecia a um só itinerário. Os profissionais, como se intitulam e são conhecidos aqueles que sabem beber, iniciavam a noite invariavelmente no Veloso (Garota de Ipanema). E por lá ficavam até meia-noite, quando partiam céleres rumo ao velho Degrau. Depois de umas duas horas bastante hidráulicas, a turma de responsabilidade atingia então, a meta final: o Zeppelin. Três horas da manhã. Enquanto as portas fechavam-se para o público em geral ou amadores, seu Oscar acolhia generosamente seus amigos. Depois do Zeppelin, só restava a primeira cerveja da manhã, tomada às seis horas, no Paz e Amor, um boteco na esquina da Rua Aníbal de Mendonça.

"Todo bar que muda de lugar, acaba", garante um dos profissionais mais sérios da arte de bem beber. Isto nos faz lembrar os tempos gloriosos do Jangadeiros. Bastou que se deslocasse menos de 500 metros, para perder suas características. Algumas idéias surgidas ao sabor de suas pizzas e tira-gostos influenciaram uma significativa parcela dos nossos jovens pensadores. O Jangadeiros, hoje, está no início da Rua Teixeira de Mello e recebe alguns nostálgicos e algumas bem situadas famílias para a esticada depois do cineminha semanal.

Profissional que se preza, hoje, bebe mesmo nos bares do Leblon, ou, como opção para os fins de semana, no Fiorentina (Leme). Os fronteirios Sereia de Ipanema, Pub e Pizzaiolo também têm os seus adeptos. Começamos pelo Leblon.

O Luna surgiu com toda força na ocasião em que o

Luna, Degrau, Diagonal, Alvaro's, Gatão, Sereia ou o hors-concours Antonio's. Em qualquer desses bares do Leblon você corre o feliz risco de encontrar Tom, Vinicius, Chico & Cia.

Zeppelin acabou. Bastou que se espalhasse a boa nova que Chico Buarque andava tomando uns chopes lá. Três anos depois, o grande desafio do freguês é encontrar uma ponta de cadeira livre depois das dez horas da noite. Podemos dizer que o Luna tem três públicos distintos. Na varanda, predomina a ala mais jovem; no miolo dá de tudo e, na parte fechada, com feições de restaurante, quem manda é a turma do Pinel, ou os que sabem beber. Segundo Manolo, o gerente, a bebida que mais sai, é, disparado, caipirinha com vodca, seguida do chope. O queijo provocado à milanesa é o carro-chefe dos tira-gostos. O Luna vai ganhar mais 20 lugares até o verão. Ali, numa segunda-feira, duas horas da tarde, das três universitárias que acabavam seu almoço, uma preferia caipirinha com vodca, a outra, vodca pura com limão, e a mais tímida apelava para o Campari.

Alguns saudosistas não se conformam com o novo e sofisticado Degrau. A porta de entrada, hermeticamente fechada por causa do ar condicionado, esconde um tipo de clientela que se reconhece pelo horário. O fato é que a velha-guarda gosta de ficar bebericando a tarde toda. Às sete da noite vão embora. Até dez horas, podemos encontrar famílias inteiras jantando. De dez horas em diante, de segunda a quinta sai de baixo. São os profissionais intelectualizados que tomam conta do recinto, tentando, desesperadamente,

salvar o mundo e o país, protegidos por suas garrafas de scotch. No Degrau, a bebida mais vendida é o uísque, seguido do Campari, coquetel de frutas, Martini, vinho e gim. Como conta José Corrêa, um dos proprietários, os fins de semana são de pura loucura.

Por isso, estão pensando em ampliar a casa.

No Degrau você encontra redações inteiras de jornais e revistas. Além da feijoada e cozido dos fins de semana, os tira-gostos merecem atenção. Vale a pena experimentar os já-te-conheço (mininhoques), casquinha de siri e filezinho ao poivre. Segunda-feira, três horas da tarde, e o Degrau está semi-repleto. A última frase que ouvi antes de ir embora foi: "Desde os tempos do Brigadeiro Eduardo Gomes..."

Em frente fica o Alvaro's, que chegou a fazer séria concorrência ao velho Degrau. Hoje é mais uma pacata e chique uisqueria familiar, onde os famosos pasteizinhos de queijo continuam imperando. Império que convive pacificamente com os outros pratos do menu.

Antes de cruzarmos a fronteira para Ipanema, não poderíamos deixar de mencionar os quentíssimos Diagonal, Final do Leblon, Gatão ou Em Frente (por situar-se em frente ao La Mole) e o hors-concours Antonio's. Em qualquer deles você corre o feliz risco de encontrar Tom, Vinicius, Chico & Cia.

O Sereia de Ipanema, loca-

lizado na esquina da Paul Redfern com General San Martín, aproveitou ao máximo o período de transição entre o velho e o novo Degrau. Hoje continua sendo ponto de encontro de jornalistas e estudantes. Adivinhem qual é a bebida mais popular no Sereia? Pois é. Caipirinha de vodca, seguida do chope. Mas a casa oferece, como especialidade, a sangria que, acompanhada de calamares (lulas) fritas, também é bastante solicitada. No verão você já poderá saborear a paella e demais pratos em ambiente refrigerado.

Muitos elegem o Pub, também na Paul Redfern, para bebericar.

Este barzinho, de ar tipicamente britânico, como sugere o nome, chega ao máximo às seis/sete da noite. O lugar é genial para um drinque a dois, para um chope bem tirado e servido em caneca transparente, e para um jogo de dardos. Seus frequentadores pertencem a todas as faixas de idade.

Na boca do lobo, ou seja, em plena Rua Montenegro, em Ipanema, encontramos o Veloso (Garota de Ipanema), que dispensa maiores apresentações, e o Pizzaiolo com a sua Calçada da Fama. Lá, recentemente, Gal Costa deixou suas mãos marcadas no cimento. A cerimônia se repete duas vezes por ano, sempre com artistas que estejam na crista da onda. Como Maria Inês, a bonita administradora conta, são os próprios frequentadores que chamam a turma que chega depois da meia-noite de bandeira-2.

Muitos vão lá apenas para jantar e esticam em boates. Por esta razão, em breve, o Pizzaiolo terá sua própria pista de danças. Nos fins de semana, a frequência predominante é de estudante. Mas o forte da clientela é o gay power. Todos sabem disso e há lugar para preconceitos. Também no Pizzaiolo a bebida mais vendida é a caipirinha com vodca (já está fi-

cando sem graça perguntar...), o chope e a sangria (vinho tinto, conhaque, soda-limonada, açúcar e frutas picadas). O bar fica aberto até depois das cinco da manhã, e as pizzas são realmente muito boas.

Também no elegantíssimo eixo Concorde-Special a bebida mais vendida é a caipirinha com vodca. Enquanto eu discutia este fenômeno com o barman Aristides e com os maitres Zé Fernandes, Muniz e Luís, pude verificar ao vivo que jovem fino é mesmo outra coisa. Philipe e Bernard, filhos de Hubert de Castejá, estavam recebendo dez amigos e amigas para jantar. Conversa vai, conversa vem, descobri a bebida favorita daquela expressiva fatia da geração pão-com-cocada: o champanha. Nem teve graça. Um dos convidados, fera no surfe, comentou que ainda não havia aprendido a beber uísque. Detalhe simpático: Bernard de Castejá é discotecário da Tropicana, Um discotecário bem elegante, convidamos. Pois estava usando autêntica camisa Saint-Laurent, impecavelmente branca. Disse-me que quando está na fossa bebe mesmo cachaça. Ainda que seja "cachaça de rico".

Falando em discotecas, vamos a elas. A Tropicana cobra Cr\$ 40,00 a entrada, com direito a cerveja. A quentíssima New York City adota o sistema de cobrar Cr\$ 160,00 às sextas, sábados e domingos, com direito a duas bebidas estrangeiras ou quatro nacionais. À tarde, os jovens de 14 a 18 anos pagam Cr\$ 60,00 com direito a refrigerantes e cachorro- quente. Na New York City as bebidas mais solicitadas são o uísque, a caipiríssima, Campari, Cinzano, Martini e coquetel de frutas.

Uma novidade. No Rio-Jerez, também conhecido como Siri (Av. Atlântica, saída da Galeria Alaska), as bebidas mais solicitadas são o gim, a cuba-libre (ainda) e o chope. Como bem observou

Em São Paulo a vodca transformou-se numa mania essencialmente jovem. É degustada nos mais requintados bares entre acaloradas discussões de mesa. Pega muito bem com um chorinho ao vivo.

o garçom Agostinho, em toda a orla marítima o chope vence a caipirinha com vodca. A freguesia do Rio-Jerez é das mais ecléticas e o bar fica aberto até às três da manhã. As especialidades são os frutos do mar e os pratos típicos espanhóis.

Para fechar o ciclo, voltamos ao Leblon. Lá temos agora um bar no estilo punk, que atraiu, desde sua inauguração, a ala mais jovem dos apreciadores de drinques. Trata-se do Rock Dreams Café (final da Rua Almirante Pereira Guimarães). O proprietário, Roberto Peres trouxe a idéia de Londres. O forte são os hambúrgueres. Mas lá bebe-se desde caipirinha e chope até um britânico chá. Só que em clima frenético, como convém aos nossos tempos.

Disso tudo, podemos concluir que a vodca é a grande vencedora no momento hidráulico aqui no Rio, ou melhor, em Ipanema e Leblon. Uma garrafa, em menos de um ano, passou de vinte para cinquenta cruzeiros. Mas quem frequenta os botequins daqueles que sabem beber por certo conhecem o velho Rudi, que com mais de 80 anos, quando entra, seja no Degrau ou no Luna, vai gritando: "Um LT antes de morrer." Por LT entenda-se London Tower, uisque nacional.

E O PAULISTA,  
O QUE BEBE?

Pura, com gelo, combinada com outra bebida ou com suco de frutas, a vodca tam-

bém foi redescoberta pelo paulistano. Seu consumo está na moda. Ela é presença obrigatória da vida boêmia da Paulicéia, especialmente nos bares frequentados por jovens. Nem mesmo o rigoroso calor que anulou o inverno deste ano, também em São Paulo, foi capaz de conter a crescente popularidade da vodca.

A vodca transformou-se por aqui numa mania essencialmente jovem. Ela é degustada em bares requintados e consumida entre acaloradas discussões de mesa. Ao som do chorinho ao vivo e do vozério, a vodca é a bebida mais apreciada pelos arquitetos e jornalistas que frequentam o Barquiteto. Situado no coração da boca do luxo, na esquina das Ruas General Jardim e Bento Freitas, o Barquiteto recebe todas as noites um público jovem e intelectual, sedento por conversas e... vodca. Como não podia deixar de ser, a vodca está presente na receita do drinque da casa (doses iguais de vodca, suco de laranja e cointreau, acrescido de um pouquinho de Ricard).

Os jovens de classe média que frequentam o Quincas Borba, um bar na Rua Tabapuã, 871, também elegeram a vodca sua bebida favorita. Aqui, ela é mais consumida em coquetéis com suco de frutas. O sucesso da bebida é tal que Luís Tunas, proprietário do Quincas, importa diversas qualidades. Como receita, ele sugere um drinque de vodca misturada com suco de melão. "Ninguém se

atreve a misturar uma Wiborowa, a vodca polonesa. Esta precisa ser consumida pura", diz Tunas.

Em bares mais requintados, como o Calash, na Rua Amauri, a vodca é também a bebida mais requisitada ao maitre Rodrigues. Ela é degustada por casais jovens e ricos, ao som de fita de Oscar Peterson, e quase sempre em drinques com suco de frutas.

No Café Paris, a clientela classe alta toma vodca pura. A especialidade desta casa é o café combinado com bebidas alcoólicas. Mesmo assim o coquetel mais apreciado, batizado de Paris-2, é feito com a infalível vodca misturada em partes iguais com suco de frutas e vinho do porto.

Já o universitário prefere as batidas, especialmente as de maracujá e coco, como garante Manuel Abrantes, dono do Rei das Batidas, bar localizado nas proximidades da Cidade Universitária. Mas ele nota que os estudantes também estão aprendendo a gostar de vodca.

O Ponto Chic, no Largo do Paissandu, já não serve mais o Americano, drinque que costumava ser preparado na hora, nem é mais tão tradicional como antigamente. Quem se arrisca a beber nas suas mesas, cercadas por marginais e prostitutas, prefere o steinbager com chope e vodca.

No Bar das Batidas, escondido atrás da igreja no Largo de Pinheiros, os fregueses de classe média consomem, quase exclusivamente, a famosa batida de coco. Mas Mário Moreno, um dos irmãos proprietários do bar, espera um dia modificar este velho hábito da freguesia. E mostra as garrafas penduradas no teto há 23 anos. Elas estão encardidas. E ele explica:

"Um dia, eu sei, quando o Coríntians for campeão, eu abro toda essa pinga aí e sirvo de graça para todo mundo. Quando o Coríntians for campeão, um dia..."

VEICULO Pewest POP CIDADE Rio de Janeiro  
 ESTADO Rio de Janeiro DATA nº 58 / 8 / 77  
 COLUNISTA \_\_\_\_\_

## VINICIUS: 20 ANOS DE MÚSICA

*Em plena forma física e ainda com muitos planos por realizar, Vinicius de Moraes está comemorando 20 anos de carreira musical. Mais que o Poetinha, contudo, quem está vibrando mesmo com isso é a RGE/Fermata. E pra comemorar o acontecimento, a gravadora acaba de lançar o LP Os 20 Anos de Sucesso de Vinicius de Moraes. E que ninguém veja nesse disco qualquer indício de fim de carreira. Muito ao contrário, ele tem muitas idéias na cabeça que pretende colocar em prática depressinha. Entre elas, fazer um show no Canecão com Tom Jobim e voltar a gravar com Baden Pawell.*

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

*Vinicius de Moraes*

Nº 257 8 177

Não acredito que tenha matado só por dinheiro.



Não vejo outro motivo. Ele tinha até mudado de vida.

O que você pretende fazer agora, Izaías?



Depois de tanto sofrimento, o melhor mesmo é entregar a Deus.

Afinal, Josué, ninguém entendeu essa sua loucura.



Eu precisava de dinheiro. Teria matado qualquer filho de fazendeiro rico.

Não minta. Você não fez isso só pelo dinheiro. Fale de uma vez, vamos. O povo lá fora quer linchá-lo.



É o que mais desejo no momento. Deixe que eles me matem em praça pública.

Você está louco, homem? Me diga: fez isso sozinho ou alguém o ajudou?



Fiz tudo sozinho, isso eu garanto.

Enquanto isso, no gabinete do delegado...

Vou ter que tirar o homem daqui. O povo está querendo linchá-lo. Não posso permitir isso.



Faça como o senhor achar melhor.

Tinha alguma rixa entre vocês? Ele teria motivos para se vingar?



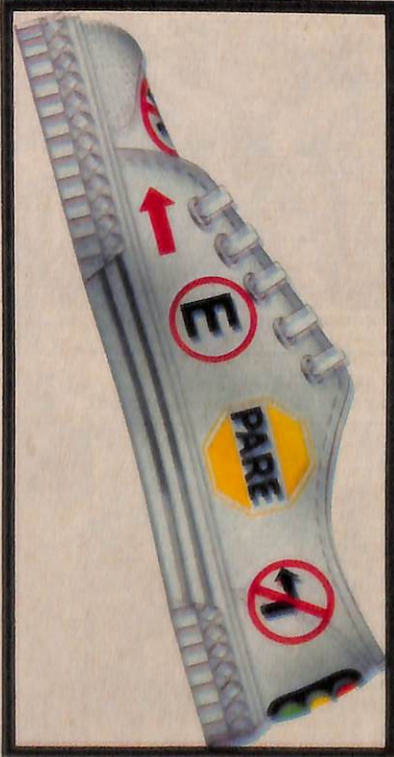
Não. Eu sempre ajudei esse pobre-diabo e, depois, ele tinha propriedades. Não precisava assim de dinheiro.

O trabalho da polícia não acaba aqui. Pode ter mais gente envolvida nisso. Os motivos não me convencem.



Nosso sofrimento também não acaba. Prefiro não ver esse homem. Perder meu filho foi um golpe e saber que foi um parente quem fez isso, é muito pior.

SUGESTÕES GUARANY



**Deixe sua imaginação correr num tênis branco.**

Com Pintacor e um pincel, você leva seu tênis pra uma diferente. Pintacor dá total liberdade à sua imaginação. É apresentado em 10 cores bem quentes. Até as crianças vão se divertir fazendo arte em tênis branco, novo ou usado. O Manual de Artesanato Guarany tem muitas dicas que vão ajudar você a pôr seu tênis dentro da moda.

**GRÁTIS**

Peça o Manual de Artesanato Guarany, escrevendo para Guarany S.A. Caixa Postal 4951 - 01000 São Paulo - SP ou Rua Cardoso de Moraes, 145 - 4ª sala 403 20000 Rio de Janeiro - RJ. Envie seu nome e endereço completo (rua, cidade e estado). Ou então, telefone para 260-1741 (SP) ou 280-7991 (Rio) e faça seu pedido.



SETIMO SOM

**MÔNICA É O GRANDE AMOR DE TOQUINHO**

Enquanto curte, com Mônica, um grande amor (como no poema de Vinicius, seu amigo e parceiro), Toquinho também arranja tempo para trabalhar e se prepara para voltar, com o poeta e Tom Jobim, ao palco do Canecão.



Os trinta anos de Toquinho aparentam no máximo 22 ou 23. Talvez seja pelo seu ar de menino, muito despreocupado, com um eterno sorriso e jeito brincalhão. Agora, porém, ele está tentando mostrar o seu lado sério. "pois todo homem tem que se assumir um dia". Há três meses, entrou para a lista dos homens sérios. Em Belo Horizonte, onde foi fazer um show, conheceu Mônica, morena com tipo de cigana, filha de uma das famílias mais tradicionais de Minas. A oposição inicial dos Chaves foi uma reação normal, pela profissão de Toquinho. Mas depois das apresentações formais e de algumas reuniões familiares, eles consentiram no casamento que foi realizado tendo por testemunhas Vinicius, Simone e parentes dos noivos. Lua-de-mel foi na Europa e em seguida voltaram para São Paulo, onde Toquinho sempre morou. No momento os dois estão residindo no Rio, enquanto os compromissos exigirem. Mônica está sempre em companhia do marido e a vida do casal é muito agitada, com viagens constantes e apresentações quase diárias. Mas o entrosamento deles é perfeito. "Estou muito apaixonado por Mônica e acho que encontrei a pessoa que sempre sonhei em minha vida." Ele afirma que a esposa é "tão ciumenta que dá medo na gente", sendo imediatamente contestado por ela, que responde: "Eu não sou nem um pouco ciumenta, imagine!" Na verdade, Mônica, como todo bom mineiro, parece que trabalha em silêncio e presta bastante atenção aos mínimos movimentos do marido. Quanto a aumentar a família, Toquinho acha que ainda é muito cedo: "Quero primeiro que Mônica curta bastante a vida, antes de nós pensarmos num filho. Ela está muito nova para esta responsabilidade." A capacidade artística de Toquinho é por demais conhecida, não só no Brasil. Na Europa, principalmente na França, ele tem seu público fiel, que lota as casas de espetáculos onde se apresenta, quase sempre acompanhado por Vinicius de Moraes, de quem é parceiro em composições de grande sucesso há muitos anos. Toquinho já demonstrou, contudo, que seus dotes artísticos não funcionam somente em companhia de Vinicius. Já lançou um LP, cantando sozinho, *Boca da Noite* (1975), que foi um excelente perfil do intérprete. Agora está no estúdio, gravando mais dois discos, sendo um cantado, composto de músicas de sua autoria e de Belchior. O outro, que na opinião de Toquinho "é uma das coisas mais importantes que já fiz em minha vida", trata-se de um trabalho instrumental, com solo de violão, instrumento que ele domina com incrível precisão. O lançamento desses discos está previsto para o mês de agosto. Depois de cumprir uma temporada no Olympia (Paris), Toquinho se prepara para o show do Canecão (Rio) nos próximos dias, ao lado de Tom Jobim, Miúcha (irma de Chico Buarque) e Vinicius. Sobre este show, Toquinho disse estar empolgado, principalmente porque "meus companheiros são pessoas que eu adoro, tanto como artistas, quanto como amigos". Neste clima é que sairá um show importantíssimo para a música popular brasileira, onde os nossos maiores nomes neste setor estarão mais uma vez reunidos.

Reportagem: Gilmir Wotroba  
Fotos: João Silva

# CLICK.

Quem vê o corretor de seguros como um simples vendedor, está vivendo no escuro.



A Bandeirante está acendendo uma luz nesta história de seguros. Para deixar tudo mais claro para todos. Principalmente para o corretor de seguros, o maior responsável no trabalho de tirar o seguro do escuro. Infelizmente, o corretor nunca foi visto pelo público como ele realmente é: um assessor de sua vida e de seus negócios. Muito mais do que um simples vendedor. Talvez por isto e pela pressa que todos têm de ficar livres deste vendedor, quase ninguém fica sabendo das vantagens e opções de um seguro. E acabam não usando o corretor como deviam. O corretor de seguros no Brasil, hoje, sabe como dar a melhor assistência ao cliente, esclarecendo suas dúvidas, orientando sobre qual o seguro indicado para cada caso. Ele está preparado para isto. Estudou, fez treinamentos, aprendeu tudo sobre o seguro

que tem a oferecer. Um homem assim não pode ser chamado de vendedor, e nem ser recebido como acontece na maioria das visitas que faz. Um homem assim deve ser ouvido. E entendido como um conselheiro. Que só lhe pode ser útil. A Bandeirante e a Piratininga acham que para o seguro ficar mais claro para todos é preciso antes que alguém mostre ao público a importância do trabalho deste homem. É exatamente isto que estamos fazendo agora. Somos hoje a maior seguradora independente do país e uma das cinco primeiras em todo o mercado. Com dois milhões de segurados e com 13 sucursais nas principais cidades brasileiras, nós temos um compromisso que é mais do que uma obrigação. É um objetivo bem claro: fazer com que o brasileiro acredite mais no seguro e no corretor.



## BANDEIRANTE DE SEGUROS

O fim do seguro no escuro.

COMPANHIA PIRATININGA DE SEGUROS GERAIS  
COMPANHIA BANDEIRANTE DE SEGUROS GERAIS

DIDAS, DOIDINHAS,  
NEURÓTICAS,  
GRÂ-FINAS MITOLÓGICAS,  
MINHA LISTA TEVE  
DE TUDO

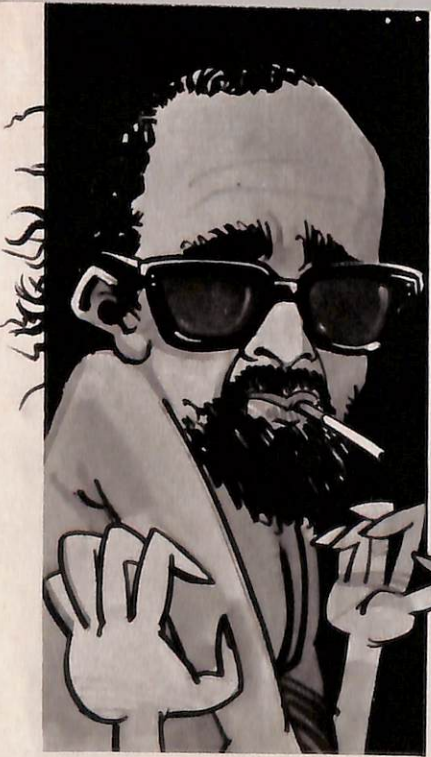
# AS MULHERES QUE BALANÇARAM MEU CORETO

**S**EMPRE QUE SOU ENTREVISTADO a propósito de qualquer coisa, por profissionais ou por estudantes, me surpreende a curiosidade do perguntador a respeito do meu comportamento sexual. Querer saber onde foi uma notória tendência a envolver mulheres em tramas sentimentais, às vezes cômicas, quase sempre escandalosas, muitas vezes desastrosas. Hoje que ando em regime de meia aposentadoria, aprendendo a conviver com a solidão do homem solteiro, posso referir brevemente algumas aventuras sem incorrer no feio pecado da indiscrição.

DEPOIMENTO/CARLINHOS DE OLIVEIRA



DEPOIMENTO Carlinhos de Oliveira



JOSÉ CARLOS DE OLIVEIRA para o público brasileiro é um dos cronistas mais lidos dos últimos anos, autor de Os Olhos Dourados do Ódio (contos), Revolução das Bonecas e O Pavão Desiludido. Mas, para os que cultivam a noite naquela área da geografia carioca que vai do Leme à Barra da Tijuca, ao longo das praias da Zona Sul, José Carlos de Oliveira é o Carlinhos, um personagem tão folclórico quanto os que ele reúne em suas histórias. Falam, por exemplo, que para muitos grã-finos poder incluí-lo entre os convidados de suas festas é símbolo de status: "Eles adoram ser insultados pelo Carlinhos". Mas é difícil dizer onde acaba a verdade e começa a imaginação em qualquer coisa que se conte sobre esse capixaba de 42 anos, que emigrou para o Rio ainda adolescente: "No Rio de Janeiro encontrei meu lar: Ipanema. Ali as mulheres são animalescas, como é preciso, ou então absolutamente inexperientes e sem nenhuma vocação para aprender". E todos os que conhecem Carlinhos e seus feitos, asseguram: "Se ele entende ou não de mulher, não interessa. Mas é realmente incrível o seu sucesso com elas". Coisa que ele confirma nestas confidências especiais para Homem, sobre alguns — apenas alguns — dos seus mais curtidos casos amorosos.

Tudo começou quando eu era um garoto ingênuo e apaixonado e noivo e trabalhava em publicidade, porque nesse ofício o meu salário era bem melhor que no jornalismo, e então a minha adorada futura esposa (e desde o princípio amante) me plantou dois chifres tentaculares. Quando a conheci, ela estava de casamento marcado com um rapaz louro; roubei-a. Perdamente apaixonado, dei-lhe um flagra, numa tarde ensolarada de domingo — um daqueles dias gloriosos em que há Fla-Flu decisivo no Maracanã e todas as pessoas sentem prazer em estar vivas. Ela vinha andando com um colega meu, de mãos dadas.

Eu desconfiava há muito tempo que ela me corneava com esse colega e com mais alguns outros, e sofria de ciúmes, pretendia matá-la e me suicidar em seguida, mas ela jurava que me era fiel, e enquanto jurava ia ensaiando carícias irresistíveis, ela era linda e feroz na cama, na areia das praias, no corredor do prédio em que morava... Era — e eu também — insaciável. Basta dizer que certa ocasião fizemos amor dentro de um elevador parado no oitavo andar, e na hora do orgasmo alguém apertou o botão, e lá fomos nós descendo, enroscados um no outro. Naquele instante, nenhum poder do mundo seria capaz de interromper a nossa troca de êxtases. O elevador chegou ao térreo, um cidadão abriu a porta, ela desceu o vestido, eu enfiei a calcinha dela no bolso e saímos correndo feito um casal de bandidos expulsos do Paraíso pelo único anjo hipócrita de que se tem notícia. O nosso apetite era monstruoso e impaciente: fizemos amor num banco da avenida Atlântica, numa noite enluarada, e quase fomos autuados por atentado ao pudor. Salvou-nos um telefonema ao Diário Carioca, onde um dos chefões era amigo íntimo do comissário de plantão.

No meio desse furor erótico, sempre correspondido e mitigado de parte a parte, a traição se introduziu como elemento absolutamente improvável. Eu era e ainda sou um homem magro, pequenino, míope, e no entanto o sempre olhos um fulgor nitidamente homicida. Ficamos eu e a minha noiva na calçada. Ela jurava que não estava acontecendo nada, era tudo ilusão minha... Cheguei à porta do prédio onde ela morava, dei-lhe duas bofetadas e lhe rasguei as roupas. Ela ficou nua no meio da rua.

## DEI UM MURRO NO CACHORRO E DEPOIS FUI DORMIR COM A ROSA. ACORDEI DE RESSACA

Parti para a autodestruição, meses e meses atolado em desespero e cachaça. Até que um belo dia decidi estudar as mulheres com a fria paixão de um cientista examinando um inseto raro. Passei então a ganhar todas elas, sem exceção. Mulheres casadas, solteiras, virgens, noivas, gordas e magras, brancas e pretas. Mas atenção: nesse tempo eu ainda não era cronista de jornal, portanto não me valia do prestígio da coluna para enriquecer minha coleção de fêmeas.

Hoje, entre tantas, apenas uma não me deixou saudades. Gostaria de reunir essas mulheres, sem aprisioná-las, num harém moderno. Jeanne Moreau também apreciaria morar com todos os homens que lhe deram prazer na cama e ternura em outros aposentos. Doidas, doidinhas, neuróticas, grã-finas mitológicas, houve de tudo no meu tempo de "femeologista". Acabo de lançar no papel uma lista; vou escolher ao acaso alguns exemplares.

**Gilda, a do telefone** — Ela me bombardeou com cartas ao *Jornal do Brasil*. Escrevia bem, era evidentemente culta, mas eu andava às voltas com uma italiana e não lhe respondi. Ela descobriu que eu era também redator da *Manchete* e decidi me seduzir por telefone. Todos os dias me telefonava com voz sensual, declarava-se enamorada e me suplicava um encontro. Quando a italiana viajou, expliquei a Gilda que entre 5 e 6 horas da tarde eu fazia ponto na Taberna Atlântica, em Copacabana. Ficava naquele bar tomando chope e jogando porrinha com alguns amigos. "É um pouco longe, pois eu moro na ilha do Governador", disse ela. "Mas de qualquer maneira vou aparecer por lá sem falta, hoje mesmo."

Às 5 horas da tarde, cheguei à Taberna com a minha patota, todos jornalistas bastante conhecidos no eixo

Rio—São Paulo. Desgraçadamente, o bar estava fechado para reformas. E ainda por cima caiu um desses torós de verão que transtornam a vida da cidade, derrubam favelas inteiras, afogam automóveis e mendigos, etc. E agora? "Ali mais adiante", disse o Ney Bianchi, "a uns 200 metros daqui, tem um barzinho jeitoso. Vamos pra lá?" Topamos. Mas antes avisei ao mestre-de-obras que iria aparecer na Taberna uma jovem de seus 26 anos, procurando por mim, que ele indicasse a ela o barzinho para onde nós iríamos. Fizemos uma corrida de 200 metros debaixo do aguaceiro e entramos no Sereia do Leme, espécie de botequim de três estrelas.

Estávamos jogando porrinha e bebendo chope quando surgiu uma mulher devastada pelo temporal, o vestido encharcado, os sapatos na mão, os cabelos desgranhados. Era contudo bela, não fora um detalhe que vocês já vão saber. Entrou e perguntou pelo Carlinhos Oliveira. Apresentei-me. "Eu sou a Gilda", disse ela. Sentou-se ao meu lado. Todos os meus amigos ficaram calados, estupefatos. Conversando com Gilda alguns minutos, fiquei sabendo que para vir da ilha do Governador a Copacabana ela havia tomado dois ônibus, depois andara alguns quilômetros a pé, debaixo daquela chuvarada impiedosa. Dei-lhe então duas bofetadas, com bastante força. E disse ao André (Kallás), excelente sujeito, quase um irmão:

— André, ponha essa moça num táxi e pague a corrida até a ilha do Governador.

Assim foi feito. Agora vocês devem estar querendo conhecer o motivo do meu procedimento brutal. Explico: Gilda estava grávida de oito meses.

**Rosa, a cursilista.** — Eu chefiava o copy-desk do *Diário de Notícias* quando o telefone tocou e Isabel me convidou para uma festa na casa de Rosa. Era no Leblon. Rosa, 23 anos, casada, dois filhos pequenos, e cujo marido viajava constantemente, era uma bela morena. Seu casamento começara a perigar depois que ela e o marido aderiram ao Cursilho da Cristandade. Era muito rica por parte de pai. Tinha um cachorrinho, uma miniatura Pinscher, e atijou o cachorro, ele me mordeu o nariz, eu dei um murro no cachorro que voou longe, ganindo, e depois fui dormir com Rosa.

Acordei de ressaca às 9 horas da manhã e a encontrei no banheiro depi-



— Não adianta se queixar à Associação Médica. Eu nem médico sou!

lando as sobrancelas, vestida com uma toalha de banho. Nesse exato momento, uma chave girou na fechadura da porta de entrada: era o marido. Ela me escondeu no boxe, fechou a cortina de plástico, fechou a porta do banheiro e ficou conversando com o marido assim: ele do lado de lá da porta e ela do lado de cá. E eu tremendo de pavor debaixo do chuveiro, que pingava uma gotinha — plim! plim! — daquele jeito que outrora se chamava "tortura chinesa". Rosa e o chifrudo, que eu nunca tinha visto, mas imaginava gigantesco e violento, deviam seguir, dali a pouco, para Araruama. Ela o convenceu a descer, para comprar mantimentos no supermercado. O camarada ficou cabreiro (dava para notar, por causa da voz angustiada), mas acabou saindo. Ela foi à janela e viu o rapaz atravessando a rua. "Dá no pé, depressa!", disse ela, e eu saí correndo, a cabeça molhada, os óculos embaçados.

Quando vieram de Araruama, o marido viajou outra vez e me instalei na casa de Rosa. Assim que o chifrudo regressou, fiquei perdido na noite. Finalmente, ele foi para Araruama; ela iria mais tarde, com uns convidados. Na verdade, Rosa e eu fizemos as malas e seguimos numa viagem doída, para lugar nenhum, numa Kombi zero km de propriedade dela. As crianças ficaram com a babá. Posteriormente ficamos sabendo que ele, achando estranha a demora da família, voltara de Araruama e chegando em casa perguntara a um dos filhos: "Cadê sua mãe?" Resposta: "Ela fugiu com o Carlinhos Oliveira..."

Fomos parar no Espírito Santo, entre Vitória e Guarapari, num hotelzinho sem hóspedes por não ser temporada de verão. Só então percebi que Rosa era completamente doída. Bebia cerveja sem parar e detestava dormir. Tinha uma jóia da qual não se separava: um estojo de ouro com tampa de rubi. Dentro dele, guardava pílulas de Dexamil, uma droga que tira o sono. A mistura da droga com o álcool resultava em alucinações, manias de perseguição, irritabilidade constante. Na cama, porém, era ótima. Ficamos cinco dias e cinco noites sem dormir.

Certa madrugada eu não agüentava mais. Fechei o olho. Ela me sacudiu: queria que eu fosse à copa pedir mais cerveja. "Tenha paciência", recusei, "estou morrendo de sono". "Se você não vai, eu vou", ela replicou, e saiu nua para o corredor do hotel... Fui

## DIANTE DA RAINHA DA INGLATERRA, ELA CAIU SOBRE MIM, A SOCOS E PONTAPÉS

atrás, puxei-a pelos cabelos, joguei-a na cama. Estava zozno, mas tinha que ficar acordado algum tempo, pois ela ameaçava se matar se eu não lhe desse a cerveja. Entrei no banheiro, enfi a cabeça debaixo da torneira da pia, e então ouvi o barulho de um corpo caindo. Fui verificar: lá estava Rosa, sobre a marquise do hotel, nua e desfalecida. Compreendi perfeitamente a complicação que aquilo ia dar, mas me joguei na cama e desmaiei. Queria que Rosa fosse para o inferno, o Código Penal para o inferno, o mundo para o inferno...

Acordei umas cinco horas depois, quando entrou no quarto um camareiro com uma escada. Ele desceu a escada pela janela e Rosa subiu, nua, o homem tirou a escada e já ia saindo, quando minha adorável amante lhe pediu: "Por favor, vê se me traz uma dúzia de garrafas de cerveja, que a minha sede não é normal..."

Voltamos ao Rio emburrados, ela sempre se enchendo de Dexamil e cerveja. Saltei na porta do La Gondola, o restaurante dos artistas pobres, e nunca mais ouvi falar de Rosa.

**Luisinha, paixão vulcânica, ciúme mórbido.** — Momento luminoso, dramático, hilariante. Eu andava literalmente entregue às baratas, ao fim de um casamento que, em quatro ou cinco meses de duração, foi marcado por três tentativas de suicídio (da parte dela), algumas semanas de sonoterapia (quem dormiu foi ela) e uma tentativa de homicídio: ela encostou o porque Deus é grande, e só não disparou meu carisma de fragilidade. Surgiu então Luisinha: pequenina, magricela, cos, mas que o bravo Modigliani não hesitaria em tomar por modelo.

Diante dela, uma tarde, no bar Veloso, a devastadora evidência: lá esta-

va o homem designado pelo destino para abrir-lhe as portas da sensualidade e do sofrimento; esse homem era eu. Daí, submissa, ela me entregou sua virgindade. Vinha da "média classe alta" — classificação algo obscura que significa administrar com modéstia e honradez os privilégios da burguesia tradicional, católica, decente, aberta à transformação acelerada dos costumes.

Não havendo a menor chance de convencê-la de que eu poderia ser o homem errado, a família acabou consentindo que Luísa viesse morar comigo. Quinta-feira de manhã ela chegaria. Quarta-feira de madrugada, numa boate da moda, recolhi uma linda amiga, completamente bêbada — um monumento de mulher, filha de célebre artista já falecido, companheiro meu de noitadas. Na moral de Ipanema — que existe, embora nem todos respeitem os seus preceitos —, filha de amigo nosso é meio sobrinha nossa. Joguei na cama aquela deusa de microsaia e deixei-a dormir.

Na manhã seguinte fui acordado por Luísa, que vinha de mala e tudo... As duas se encontraram e se estranharam. Luísa fugiu chorando. Minha sobrinha por afinidade me agradeceu a acolhida, pediu desculpas pelo quiproquó e se mandou. Ainda hoje a mãe dela tem "adoração" por mim, pois sua filha dormiu, nua, na minha cama e saiu ilesa; mas creio que a "sobrinha" guardou um pouco de mágoa, considerando indiferença de minha parte o que não era senão (como já disse) fidelidade aos Princípios Básicos de Comportamento do Boêmio de Ipanema.

Logo depois, iniciávamos a nossa lua-de-mel, Luísa e eu. Um dia inteiro foi dedicado à caça às baratas, cada qual com um chinelo na mão; seguiu-se a faxina completa do apartamento — e estando limpo o nosso ninho, e límpidos os nossos corações, uma felicidade de fotonovela se aninhou conosco. Com 20 aninhos apenas, ela era pintora, e das boas, com quadros na Bienal de São Paulo. Mas morria de ciúmes. Bastava uma mulher sorrir na minha direção que ela começava a me dar pontapés na canela, por baixo da mesa. Uma vez me deu uma surra na porta do JB, ao meio-dia. O JB funcionava então na avenida Rio Branco, ia passando na hora o meu colega Simão de Montalverne e eu lhe gritei, enquanto me esquivava aos golpes de punhos fechados e canceladas de

# CHEGUE PERTO DE QUEM É TÃO ESPORTIVO QUANTO VOCÊ: MAVERICK GT 77 4 CILINDROS.



Garantia o combustível de aramãia. Respeito os 80.



Se você gosta de carros esportivos mas também faz questão de economia, você vai se sentir realizado ao chegar perto do Maverick GT 77 4 cilindros.

Vale a pena ir a um Revendedor Ford ver o novo estilo do capô, com detalhes em preto fosco, as faixas decorativas nas laterais e na traseira, a grade dianteira também em preto fosco, já incorporando os faróis de milha. Por dentro, o Maverick GT 77 está

muito mais espaçoso, com novos bancos e acabamento especial.

Tem um novo sistema de freios com duplo circuito e uma suspensão mais firme, proporcionando maior estabilidade e mantendo o conforto em pisos irregulares.

E o moderno motor de 4 cilindros racionaliza o consumo sem perder a esportividade.

Chegue perto do Maverick GT 77. Você vai se emocionar.

FORD MAVERICK GT



Um passo à frente

sapato duro: "Eh Simão! Avisa lá em cima que hoje não vai crônica!" Pois a Luísa acabava de rasgar em mil pedaços a minha crônica da manhã seguinte.

Decidimos fugir ao assédio erótico de Ipanema. Fomos morar numa casa colonial em São João Del Rey, Minas. Ela pintava e eu escrevia. Mandava as crônicas pela sucursal do JB em Belo Horizonte. Comecei a criar galinhas. Ia tudo *jóia*, até que um dia anotei no meu Diário a passagem, diante de minha janela, de uma linda adolescente cujos seios acabavam de eclodir, tornando-a de menina em mocinha. Enquanto dava um giro pela cidade, deixei Luísa só com sua desconfiança. Quando voltei, encontrei o meu Diário em pedaços... Ameacei: — Se continuar assim, eu te abandono. Escrevo quase todos os dias a propósito de Censura, procurando explicar ao público que o critério dos censores me parecem por demais rigoroso, para não dizer injusto, injustificável e coisa e loisa. E quando acaba, vejo que a Censura mora comigo e se diz minha mulher... Assim não dá!

Voltamos ao Rio.

Escrevi uma carta aberta à rainha da Inglaterra, elogiando a filha do embaixador de Sua Majestade, Georgiana Russel. Essa crônica fez de Georgiana uma celebridade internacional. Fui entrevistado por meia dúzia de jornais de Londres. Em seguida, chego ao Brasil a rainha Elizabeth com o príncipe consorte. Convidaram-me para a recepção por ela oferecida aos amigos da Grã-Bretanha. Casaca, condecorações! Nessa altura, eu era um brincalhão incorrigível. Aluguei uma casaca na Casa Rollas, emprestaram-me três condecorações verdadeiras (mas pertencentes a três cidadãos diferentes), Vinicius de Moraes e Chico Buarque solenemente pregaram as medalhas sobre o meu peito, ao som do Hino Nacional, no interior do Antonio's... E segui com Luísa para a Embaixada. Ela usava um vestido de gala feito especialmente para ela por uma dondoca de minhas relações.

Estávamos todos lá: o núncio apostólico, o presidente Costa e Silva, o Corpo Diplomático, Ibrahim Sued e eu! Havia ainda uma brasileira recém-chegada da Europa, a quem inadvertidamente comecei a paquerar. Foi quando se deu o irreparável. Diante

## "ME DEIXE AQUI", PEDIU LEILANE, "QUERO FAZER AMOR COM OS OPERÁRIOS"

da rainha da Inglaterra, minha mulher Luísa, a pequenina e furiosa e adorável ciumenta, lançou-se sobre mim numa saraivada de socos e pontapés, terminando por me puxar a orelha com tanta força que só não arranco porque Deus é grande. Ele é grande e misericordioso, podem crer! Mas danou a sair sangue.

No grande salão, as mais altas autoridades fingiam britanicamente que não estava acontecendo nada. A rainha, no entanto, lá de longe deu uma espiada e creio ter lido em seu rosto uma mensagem de solidariedade para comigo... Enquanto isso, os dois gigantes dálmatas do embaixador (pai da Georgiana) se aproximavam de mim e me faziam festa; compreendi que estavam excitados com o cheiro de sangue, pretendiam comer a minha orelha...

Abandonei a festa, Luísa veio correndo atrás, e sempre que me alcançava era uma taponada que me pegava na nuca. Assoviei atordoado à direita e à esquerda, um táxi apareceu, entrei e mandei que seguisse para bem longe...

Assim terminou a minha aventura com Luísa. Ela sofreu desesperadamente. Eu também sofri, pois gostava dela. Mas não se pode viver muito tempo com uma pessoa que ergue o seu amor a esse paroxismo de dominação. Definitivamente o casamento não pode imitar um Estado Policial. Já pensou? Casar com a KGB feita mulher? A PIDE com púbis? Oh Luísa querida, no entanto eu te amava perdidamente, e de vez em quando ainda sinto saudades daqueles deslumbrantes dias em que fomos sossegadamente felizes...

Leilane, a gulosa — Ah, essa era chave de cadeia, não tenham dúvida.

Comia um queijo Minas por dia. Estudava na PUC. Alta, gorducha, vistosa. Aos 24 anos, chegou em minha casa para uma noite sem compromisso e foi ficando. Quando dei por mim, estava casado. Toda manhã, um Galaxie com chofer apanhava Leilane para conduzi-la à PUC. Até que certa madrugada...

A gente vinha do Degrau. Estávamos bêbados. No caminho, encontramos uns operários abrindo um buraco no asfalto, cercados de lâminas. Leilane caiu de beijo nos quatro operários. Em seguida se deitou no asfalto, junto do buraco, e gritou: "Eu quero ficar aqui! Quero ser amada pelos pobres, os trabalhadores humildes!" Era uma declaração de tara até então ignorada por mim: a chamada "comunoninfomania"... Sai dessa Zé... "Vamos embora, Leilane", eu dizia. "Me deixe aqui, quero fazer amor com os trabalhadores humildes..." Tentei arrastá-la (era pesada pacas), mas aí os operários ameaçaram me encher de porrada.

Fui-me embora pra casa, arrastando o rabo, humilhado. Logo depois chegava Leilane. Tirou a roupa na sala e ficou só de calcinha. Pegou uma faca daquelas grandes, de cortar pão, e cortou em fatias um queijo Minas inteiro. Comeu tudo. Depois virou uma garrafa de Strega, esvaziando-a num gole só. Daí se chegou com a faca na minha direção. Eu protegia com as duas mãos aquele lugar que nos diferencia das mulheres. Ela gritava, acordando todo o prédio: "Carlinhos! Eles querem me matar, mas eu vou matar todos eles antes!" Tropeçou numa cadeira e caiu. Aproveitei para abrir a porta e fugir pela escada. Só voltei para casa dois dias depois, quando me disseram que Leilane tinha sido levada para um sanatório de doentes mentais...

Enfim, é isso aí. Adoro mulher, mas nasci com o dom de atrair as neuróticas e psicóticas.

A mais interessante delas, uma neurótica, que viveu comigo uma paixão desenfreada, merece um artigo especial. Qualquer dia desses, contarei a vocês a verdadeira e emocionante história de um anel de brilhantes avaliado em 20 mil dólares...

HOMEM  
EM Nº 25/ 8, FF



## O INGLÊS DE HOJE

de Seleções do Reader's Digest

Um curso moderníssimo, desenvolvido em conjunto por professores ingleses e norte-americanos, para que você passe a ler e falar corretamente o idioma.

Domine uma língua que lhe será da maior utilidade... na sua profissão... nos estudos... nas viagens... para conhecer novas culturas.

Com apenas 15 minutos diários, em poucos meses você estará falando um inglês invejável.

Ao fim das 40 lições do curso você estará lendo revistas, acompanhando filmes, fazendo viagens, conversando e escrevendo em inglês, com desembaraço e confiança.

O método é muito simples. Você ouve a lição no disco e a acompanha no livro. A cada nova lição o seu vocabulário e seus conhecimentos gramaticais aumentam... As palavras da lição anterior lhe permitem compreender a lição seguinte. E é através desta "escada de palavras" que, em pouco tempo, você chega ao topo.

Você não fica preso a horários! Quantas vezes você já deixou de frequentar cursos regulares por falta de tempo? Com "O Inglês de Hoje" você escolhe o seu horário, de acordo com a sua conveniência.

Útil para toda a família. E "O Inglês de Hoje" apresenta uma vantagem que o torna mais econômico... para toda a família. Com apenas um exemplar todos irão se beneficiar: você, seus filhos, seus familiares... sem pagar um centavo a mais por aula.

### GARANTIA DE SATISFAÇÃO TOTAL

O Inglês de Hoje foi criteriosamente elaborado para que você, com apenas 15 minutos de atenção por dia, possa adquirir em pouco tempo conhecimentos suficientes para ler, falar e entender inglês. Todavia se você não ficar plenamente satisfeito, poderá nos devolver o seu exemplar, dentro de 10 dias, na certeza de receber de volta tudo o que já nos tenha pago.

Esta é a GARANTIA DE SATISFAÇÃO TOTAL da Borges & Damasceno. A sua certeza de estar sempre fazendo uma boa compra.

Borges & Damasceno  
Rua Equador, 716 — 20.000, Rio de Janeiro — RJ  
Tel.: PBX 223-8114



COMO APRENDER INGLÊS COM APENAS

15 MINUTOS POR DIA!



### VEJA O QUE CONTEM "O INGLÊS DE HOJE":

- 24 discos compactos, de 33 r.p.m., onde você vai encontrar 2 lições introdutórias faladas em português, além das 40 lições que recriam situações reais em que são usadas todas as palavras que você precisa conhecer para falar, ler e escrever inglês.
- O Livro 1 - Guia do Curso (68 páginas), é a "Aula Inaugural" onde você vai saber como foi planejado o seu aprendizado, e como você deve agir. Além disso, este livro contém também o Vocabulário Essencial, o Guia Fonético, e o Glossário Gramatical.
- O Livro 2 - Diálogos em Inglês/Gramática Ilustrada (181 páginas), traz para você o texto das lições. Sempre que aparece, uma palavra nova, ela é escrita com um tipo de letra diferente, para facilitar a identificação. Cada lição é acompanhada de uma gramática ilustrada, que permitirá a você aprofundar seus conhecimentos sobre tudo o que foi aprendido na lição.
- O Livro 3 - Diálogos em Português/Observações Gramaticais (225 páginas), onde estão as 40 lições traduzidas para o português. Tudo acompanhado de notas sobre gramática e de exercícios práticos.
- Uma tabela de Símbolos Fonéticos.
- Readings (288 páginas) - Um volume precioso, editado pelo Reader's Digest especialmente para estudantes de inglês. São leituras agradáveis e divertidas, seguidas de exercícios de compreensão e de utilização de palavras e do vocabulário.
- Estojo. Cômodo e prático, onde estão acondicionados os 24 discos e 4 livros que compõem o curso. Você pode levá-lo para onde quiser — pesa apenas 2,9 kg.

### GRÁTIS PARA VOCÊ!

Se seu pedido chegar dentro de 15 dias, você ganha inteiramente GRÁTIS o "INTERNATIONAL READER'S DICTIONARY" com 400 páginas, 24.000 palavras e mais de 1.000 ilustrações. Por valor de R\$ 60,00!!!



PREENCHA, DESTAQUE E ENVIE AINDA HOJE PELO CORREIO O CERTIFICADO DE PREÇO ESPECIAL.

# É HORA DE BRASIL:

# MPB SHOW



Vinícius de Moraes



CAUBI PEIXOTO



FAFA DE BELEM



ELZA SOARES



CLAUDETE SOARES



Jair Rodrigues



VANDERLEI Cardoso

nesta  
quarta -  
feira

20:45 h.

canal



# REDE GAZETA DE TELEVISÃO

## Fernando Lona: além da música, o romancista popular do Nordeste

Fernando Lona era uma figura conhecida em São Paulo nas épocas dos festivais de música popular. Depois resolveu voltar para a Bahia, voltar a trabalhar como ator e compor com muita tranquilidade, sem pressa para gravar ou voltar aos sucessos nos discos.

Toda essa calma, que ele ainda mantém no modo de falar e de cantar das suas músicas, foi muito produtiva. Ele conseguiu trabalhar bastante, sem perder a qualidade e o resultado será mostrado aqui em São Paulo dentro de poucos dias.

Um novo LP na praça, mostra que as suas canções, com boa base melódica e sem esquecer do cuidado com as letras estão prontas para o sucesso: ao mesmo tempo ele vai lançar um novo disco e a partir do dia 30 estará fazendo um espetáculo no Teatro Markanti.

— E verdade, fique estes quatro anos na Bahia, trabalhando como ator. E agora, com o mesmo Alvaro Guimarães que foi criador de "Belos e Malditos" no palco, é que estou elaborando este meu novo show, que terá como título, "De Cordel e Bordel".

Fernando Lona, para este espetáculo, além de suas composições de seu violão, estará apresentando alguns músicos interessantes e que

ainda são desconhecidos do público.

— Os arranjos serão de Vidal França, que também toca viola e todo o espetáculo será estruturado através da música. Isto é, uma letra pode ser associada com a da próxima canção e assim o espetáculo fica bem descontraído, deixando o público bem à vontade.

— vontade.

— Desta vez, explica Fernando, procurei reunir além das minhas músicas inéditas, um repertório popular da minha região que ainda não foi apresentado por aqui. Serão as músicas de cangaço, os "bendito", as incelaças e até mesmo alguns versos do próprio Lampião.

— Claro que o popular e o ponto de partida. Nos arranjos, e na forma de cantar sempre existe um enriquecimento, porque afinal, a nossa formação musical conhece outros elementos. Mesmo assim, procuro usar instrumentos bem característicos, como a sanfona, o bandolim e a viola.

Outro conjunto, que vai acompanhar este trabalho é o Bando de Macambira, reforçando a idéia do som regional e da forma popular de apresentação musical.

— Claro que muitas músicas do espetáculo estão no



disco. E vou aproveitar a estêtia do show também para lembrar ao público que estou com disco novo gravado. Mas

são dois trabalhos paralelos e feitos com muito carinho. Meu espetáculo não é apenas "o disco ao vivo", existe a

idéia de criar uma atmosfera no palco e uma comunicação com a platéia.

Além de disco e espetáculo, Fernando Lona conseguiu lançar também o seu primeiro livro, numa edição requintada e que também estará em exposição, no Teatro Markanti.

Não se trata de um livro de memórias ou a biografia de um cantor. Na verdade, Fernando interpretou com um ritmo de poesia nordestina, uma história passional. É uma versão de romance de cordel, só que totalmente escrita por Fernando Lona.

Além do texto de Fernando, em versos bem simples, ritmo dos como poesia popular, a edição feita pela MacGraw Hill com muito cuidado, ainda tem gravuras originais de Calazans Neto, um dos mais criativos gravadores da Bahia.

"O romance desastroso de Josiano e Mariana" e "A gesta do Boi Menino" são as duas histórias e a primeira edição já tem 1.500 exemplares, o que é bastante, em se tratando de uma edição de luxo, com as gravuras de Calazans reforçando o aspecto visual do texto.

— Meus novos planos? Creio que não vou deixar nem de cantar, nem de compor e também se este livro tiver boa aceitação, poderei continuar. Gosto muito também

de escrever e a poesia, nessa forma popular, também é uma maneira de cantar. Agora, depois desta temporada em São Paulo, provavelmente terei que viajar um pouco mais, para mostrar o show, o livro e o disco em outras capitais.

— Se eu gosto de ser ator? Também é um trabalho que me agrada muito. E nesse período que fiquei em Salvador, participei da "Exceção e a Regra", de Brecht, do "Boca de Ouro", de Nelson Rodrigues, de "Tio Vania", de Tchecov, das "Criadas", do Genet, de "Arena conta Zumbi", e das "Feras", espetáculo que Vinícius criou lá na Bahia. Dois anos atrás, ainda fui para o Festival de Nancy com o grupo balano do "Cordel III", representando o Brasil.

Com os interesses tão divididos, Fernando Lona ainda continua mantendo a calma e encontrando tempo para fazer tudo na hora certa.

— Mas afinal eu penso que um artista tem pontos em comum em muitas áreas. E todos estes meus interesses acabam enriquecendo o meu trabalho. O que é importante no entanto é não perder o impulso criativo. Em cada área, procurar criar o melhor e com a maior sinceridade.

DIARIO DA NOITE

25/8/77



### Erasmo Carlos

Estão de volta as gravações originais (agora em estéreo) dos primeiros sucessos de Erasmo Carlos, o melhor de toda a fase imitativa da Jovem Guarda e o que melhor se adaptou com o fim do ciclo. Hoje são clássicas as suas interpretações de «Festa de arromba», «As pescarias» e outras tantas produzidas há mais de dez anos. Pela mesma gravadora (RGE Fermata) que comemora assim os seus 20 anos de existência, volta também a primeira fase da dupla Toquinho e Vinicius em elepê de 14 faixas. Entre outras, «Meu pai Oxalá» e «Cotidiano n° 2».



### Ray Conniff

Aproveitando a presença do maestro Ray Conniff no Brasil, a CBS, sua primeira e única gravadora, lança mais dois elepês seus «If you leave me now» (foto) e «Rain ou». Sua gravadora considera-o um dos grandes «gênios comerciais» da música contemporânea. Só do ano passado para cá, aproveitando-se de outros sucessos populares, Ray Conniff lançou no Brasil cinco albums.



### «Oi, compadre»

«Presentindo uma mudança na música popular brasileira», Martinho da Vila lança seu alerta através do compacto duplo que destaca a faixa «Oi, compadre». Outras novidades são «Tudo menos amor» (de Monarca e Walter Rosa) e a seleção de partido-alto. Lançamento RCA/Victor.

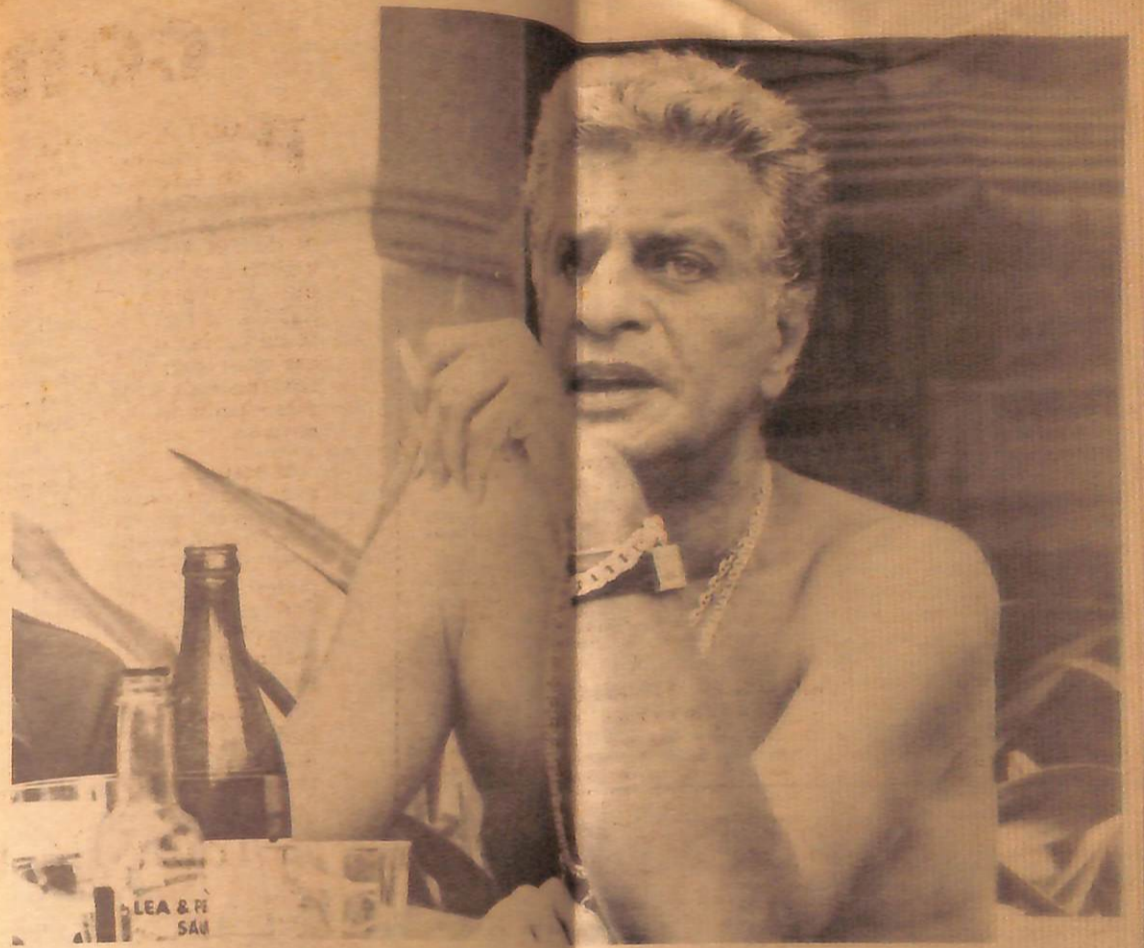
VINICIUS

# Ultima Hora / Revista

Rio de Janeiro,  
quinta-feira,  
25 de agosto de 1977

# A ETIQUETA NA PERIFERIA

Favelados, deslumbradas, gente in, gente out, todos estão convidados ao lançamento do último livro de Ibrahim - A Arte de Receber - Etiqueta - no próximo sábado, no Morro do Turano. Por um dia, pelo menos, o colunista-escritor abandonará o seu famoso Sorry, periferia.



**Ibrahim, como surgiu a idéia de lançar seu novo livro no morro do Turano?**

IS - Eu dava força para o bloco do Cata-Cata na minha coluna e quando eles souberam do meu novo livro, mandaram uma carta me convidando para um almoço em minha homenagem no morro: "Se quiser detonar na sua coluna Vou Subir ao Morro do Turano, já pode fazê-lo, pois tão logo isso aconteça faremos a divulgação por outros veículos, aumentando o impacto de sua visita. Que tal pensar em lançar seu novo livro de Etiquetas aqui, no morro do Turano? O próprio contraste já seria uma novidade para muitos e um fator de originalidade..." Achei a idéia muito boa.

**Por que um livro sobre etiqueta?**

IS - Já tinha essa idéia há muito tempo. Em cada 10 cartas que recebo, 4 perguntam sobre a arte de receber. Resolvi então escrever o livro que será vendido a preço popular - Cr\$ 30,00 -. Os livros de etiqueta no Brasil são caríssimos e estão todos esgotados.

**Qual a tiragem inicial do livro e quanto tempo você levou para escrevê-lo?**

IS - 100.000 exemplares (cem mil). 5 meses.

**E verdade que você roubou a idéia de uma amiga sua e ainda vai publicar uma receita dela?**

IS - Isso é mentira. A amiga é Josefina Jordan, que quer escrever um livro de culinária sobre comida árabe. No meu livro só tem uma receita de prato árabe e não é dela.

**Quer dizer que você dá receitas no seu livro?**

IS - Claro, mais de 100 receitas culinárias de vários países. Por exemplo: um prato que eu comi na casa de Lucy e Adolpho Bloch, outra de um prato que a Rainha Elizabeth comeu aqui no Rio...

Nesse ponto da entrevista, no escritório de Ibrahim, a secretária entra e diz que vai embora. Ibrahim pára e chama:

- "Sheila, Sheila! Você está indo embora? E a tradução do meu texto para o Vogue francês? Preciso dele para depois de amanhã. Você está pensando que isso aqui é a casa da sogra?"

- "Para preparar esse texto vou precisar de ajuda", responde Sheila. Ibrahim pega o texto. - "Então por que você não falou logo, que eu providencio?". Sheila vai embora rindo.

IS - ...e outras receitas, inclusive uma que vou

dar em primeira mão para ULTIMA HORA, dada por D. Hilda Faria Lima:

## «ROCAMBOLE DE CAMARÃO A HILDA FARIA LIMA»

5 ovos; 150 g de açúcar; 60 g de farinha; 1 kg de camarões médios; 2 pés de alface; alcaparras; molho inglês, ketchup, savora.

**Recheio:** Faz-se um bom refogado dos camarões. Depois, escorrem-se e picam-se os camarões. Mistura-se a alface bem picadinha, meio vidro de ketchup e 1 vidro de maionese. Tempera-se com molho inglês, savora e acrescentam-se as alcaparras. Deve ficar um creme bem picante, de consistência pastosa.

A parte, batem-se as claras em neve como para suspiro. Acrescenta-se o açúcar aos poucos. Em seguida, as gemas já misturadas são colocadas bem devagar, em frio. Por último, mistura-se sem bater a farinha. Forno já quente, por 15 minutos, num tabuleiro grande. Quando o rocambole sai do forno, recheia-se ainda quente e enrola-se. Passa-se para a travessa em que será servido, cortam-se as pontas que sempre ficam com aparência meio feia, e cobre-se com uma mistura de maioneses e ketchup. Cobre-se tudo com açúcar bem refinado da melhor qualidade (bem fino) passado na peneira, que é caramelado com ajuda de um ferro incandescente. Em volta, enfeita-se com alface e camarões inteiros, e leva-se à geladeira. O prato pode ser feito de véspera.

**Ibrahim, com este livro você pretende ensinar ou faturar?**

IS - Não tem objetivo de faturamento, mas de realização. O autor é quem menos ganha.

**Por que dizem que você não sabe escrever, se este será seu 4º livro e, dos outros três, dois estão esgotados e "O Segredo do Meu Sucesso" já vendeu mais de 70.000 exemplares?**

IS - Foram os jornalistas mal sucedidos que inventaram isso, esses buzuntas. E não sei porque você me faz esse tipo de pergunta.

**Você está dando receitas incríveis. Você sabe cozinhar?**

IS - Eu não sei. A maioria não sabe. É não é importante. O importante é contratar um bom chef. O que ensino no meu livro é que o segredo está em ORGANIZAR um jantar. Por exemplo, apesar de não saber cozinhar, recebo muito e, meus convidados, sempre gostam dos meus jantares.

**Na sua opinião, em que lugar do mundo se recebe melhor?**

IS - Em Paris. Uma das casas onde eu melhor como é a de Eddie Barclay, que recebe sempre doze pessoas para jantar informalmente. Também sempre comi bem com Claude Terrail, dono do restaurante Tour d'Argent, que recebe seus amigos em open house todas as segundas-feiras; às vezes para jantar em outros restaurantes, todos muito bons.

**O seu livro «Aprenda a Receber» é a brasileira?**

IS - A etiqueta é uma só, mas adaptei o livro para o modo de vida brasileiro. Por exemplo, na França, se usa colocar a mesa com as pontas dos talheres virados para dentro, mas são talheres brasonados. Aqui não se usa isso, mas quem tiver brasão pode usar sem ficar fora da etiqueta.

**De que mais você fala no seu livro?**

IS - Degustação de queijos, como se come as frutas - a maioria é com casca, à exceção do abacaxi e do melão, servidos cortados em cima da casca. Macarrão se come com garfo e colher. Onde se deve comer com a mão - alcachofra, por exemplo, se come com a mão. Aviso sobre a clássica história: lavanda é para lavar os dedos. Dou o máximo dos menus: num menu de vários pratos, você pode servir um sorvete no meio - de limão, por exemplo - que é para purificar o paladar para entrar no outro prato. E dou uma receita do COCKTAIL AFRODISÍACO DO SALVADOR DALI. "E agora, um recadinho para os dragões: um coquetel afrodisíaco de Salvador Dali. Segundo ele explica, a receita é uma bomba suficientemente rápida nas circunstâncias em que o cansaço e as preocupações pedem um S.O.S... E aí vai:

1 laranja; 1 colher de bitter; 1 colher de café de gengibre; 4 colheres de conhaque; 2 colheres de vinho branco, seco, misturado com creme de licor cassis; 1 pitada de pimenta taliás, pimenta é o que não pode faltar...

Esprema a laranja e no fundo de um copo ponha a pimenta e o gengibre. Derrame em cima o bitter, o conhaque e a mistura de vinho branco com licor. Ponha na geladeira, aliás no freezer. Que é mais rápido. Depois de meia hora, retire e junte o suco de laranja ao copo gelado. Beba o Cocktail Casanova e espere o resultado... De leve".

Lúcia Sweet

## UMA TARDE DE SAMBA PURO NO TURANO

### IBRAHIM SUED



APRENDA A RECEBER ETIQUETA

Na capa, com a Rainha

Este é o convite para o lançamento do último livro de Ibrahim Sued - uma comemoração de seus 25 anos de colunismo e 20 anos de caviar - Aprenda a Receber - Etiqueta.

DEPARTAMENTO DE DIVULGAÇÃO DO (BLOCO CARNAVALESCO DO) CATA-CATA INFORMA:

Velha Guarda de Etiqueta Ibrahim Sued lança no próximo sábado, dia 27, as 15 horas na quadra de ensaios do CATA-CATA no Morro do Turano, o seu novo livro "Aprenda a Receber - Etiqueta". Vai ver uma tarde de samba puro com a presença já confirmada das seguintes atrações:

- Velha Guarda do Salgueiro, Mangueira e Portela.
- Baianas fantasiadas do Salgueiro, Mangueira e Portela.
- O grupo Os Pagodeiros da Pesada (os mais autênticos compositores das escolas de samba).
- As Endiabradas do Samba (mulatas internacionais).
- Conjunto da pesada do CATA-CATA, armando uma verdadeira roda

de samba e um incrementado samba de roda. Bateria-veneno do Turano, acompanhando os sambas-enredo. Destaques e passistas das escolas de samba. P.S. Para chegar até o Morro do Turano, no Rio Comprido, a entrada é pela Rua Barão de Itapagipe, 331 (próximo ao cruzamento com a Rua do Bispo). Subir a ladeira até o final. Ladeira pavimentada, com fácil acesso para carros. Ass. Departamento de Divulgação.

# AS FOTOS DO QUE PEDRO VIU, VIVENDO



**A** PARTIR do dia cinco de setembro, quando será lançado o livro **Vi Vendo**, fotografias de Pedro de Moraes, a Galeria Buarque de Hollanda - Rua das Palmeiras 19 - estará expondo os trabalhos que estão no **Vi Vendo**, aplicados em espelhos na forma de quadros.

Pedro de Moraes começou a fotografar quando tinha 14 anos. Hoje ele tem 34 e nesses 20 anos, além de ter acumulado milhares de fotos - algumas absurdamente inéditas - acumulou também experiências de vida muito loucas e imprevisíveis. Quem diria que este fotógrafo, filho de **Vinicius de Moraes**, foi desde um menino rebelde até boiadeiro em Mato Grosso durante dois anos? E através das suas fotos, desorganizadamente amontoadas em seu apartamento - sótão no Jardim Botânico, vê-se que Pedro de Moraes foi ainda soldado do Exército, morou na França, fez pesca submarina e atualmente trabalha como cinegrafista. Em meio a modos de vida tão distantes, ele nunca abandonou a fotografia.

Mas em certa época, ele passou a odiá-la, pois como

fotógrafo, conheceu as várias formas de violência. Uma câmara simbolizou, nesse período, o **bode**. Deu uma parada, mas agora continua aí, aventureiro desajustado, fotografando e falando dessa profissão:

"Fotografia é um negócio que ainda está começando no Brasil. Em todo esse tempo, desde os 14 anos, sempre foi péssimo, só fotografia comercial, encomendada, foto espontânea não dá. Eu comecei a fotografar com aquela história de criança que vai a um estúdio e se empolga. Eu passei a frequentar os estúdios dos meus primos Humberto e José Franceschi. Daí parti com a máquina pra rua e acho que a fotografia me ajudou muito, porque todo o meu conhecimento social do mundo vem dela".

"Fotografia exige uma certa responsabilidade diante da realidade, porque você pode levá-la pra um outro meio, você pode distorcê-la. Com tantos recursos, a fotografia pode ser uma ferramenta pra informar errado, o que depende do ponto de vista do fotógrafo".

"O maior problema é a falta de educação fotográfica. Quem quiser escrever, tem que saber ler, precisa conhecer a literatura. O fo-



Pedro de Moraes

otógrafo também precisa ver muitas fotos e fotografar muito. Mas como é possível que qualquer livro de fotografia já está custando 600 cruzeiros? Então o problema é a falta de educação visual. Nego não aprendeu a ver ainda".

"A classe? A classe não existe e desunidamente. Uma vez eu quis fazer um trabalho grande sobre o bode e quando falei com o primeiro fotógrafo desisti por tanto empecilho. Você dá um preço e vem um outro oferecendo um preço dez vezes mais baixo. E pra fazer um padrão é preciso que se pague por ele. E geralmente, os fotógrafos cobram pouquíssimo".

"Eu me frustrei sim. Uma vez eu fotografei uma mulher que foi assassinada por

um policial. Me tomaram a máquina e acabei preso. Foi uma sujeira eu estava trabalhando pra Visão. Esse crime aconteceu numa passeata em frente ao consulado americano. Exatamente o que me frustrou e que a busca de repente passou a ser um instrumento pra captar violência, as coisas como são".

Pedro de Moraes disse que está revoltado com o aviltamento a que muitas mulheres vêm sendo submetidas para essas revistas pretensiosamente graficas, por isso ele já está pensando no seu próximo livro, cujo título provisório é **Paisagens Eróticas**, segundo ele, "a mulher como acho que ela é".

Com relação aos fatores que compõem um fotógrafo, se é técnica, a prática, a intuição ou a circunstância, Pedro diz, como é chamado pelos amigos, "diz: "Pode ser tudo isso, mas às vezes é o acaso. A gente se fotografa se estiver na circunstância, mas é sempre porque você se destacou pra aquele espaço. Porque tem muito desse troço: você presente, você já está com a visão preparada pra acionar. A técnica é a prática mesmo. Fotografia é 90% prática e 10% técnica. A necessidade técnica vem de seu aprimoramento".

## BREQUE

★ **A Banquet in Blues**, elepê de John Mayall que está sendo distribuído no Brasil pela Continental/ABC, está muito longe das melhores performances do guitarrista. Mayall, um dos mestres de Eric Clapton e dos músicos mais respeitados pelos instrumentistas da música pop, tem trabalhos mais interessantes, inclusive disponíveis na sua já razoável discografia brasileira. Este seu banquete, na verdade, é um supérfluo prato feito.

★ Partindo da mesma matéria que tem originado outros lançamentos do gênero, o disco **Gente de Choro**, da Odeon, traz na capa nomes que não estão no disco, a não ser representados por algumas de suas músicas. Assim, antes que os mais desatentos possam cometer enganos, é bom lembrar que Pixinguinha, Jacob do Bandolim, Benedito Lacerda, Altamiro Carrilho, Ratinho, Vinícius de Moraes, Lina Peste e Néelson Alves não têm nada que ver com a coletânea de matrizes de Waldir Azevedo, Deo Rian, Abel Ferreira, Paulinho da Viola e Os Chorões. Na verdade, apenas com estes nomes, dava para fazer uma capa que,

além de verdadeira, seria razoavelmente comercial. O disco é bom, a foto da capa é ótima. A Odeon não precisava apelar.

★ **Ship of the Memories**, que está saindo no Brasil pela Odeon, é o pior elepê do grupo holandês Focus, formado por nomes respeitados dentro da música progressiva, como o flautista Thijs Van Leer e o guitarrista Jan Akkerman. O consumidor brasileiro, se quiser ouvir o grupo, deve continuar preferindo os discos anteriores ao **Moving Waves**. Os que tiverem acesso à bolsa dos importados, não devem desconhecer o álbum **Individual Introspection**, de Van Leer.

★ Samba de roda e roda de samba: tal o programa musical marcado para o lançamento do livro de Ibrahim Sued, **Aprenda a Receber — Etiqueta**, no próximo dia 27, na quadra do bloco Cata Cata, no Morro do Turano. Acompanhando o samba e, dentro da etiqueta, será servido um jiló frito, um mocotó à lombeira, cerveja e batida de limão. Tal uma demonstração de que, se não sobe escada, cavalo sobe pelo menos o morro. De leve.

Roberto Moura

Van Leer

★ **RÁDIO** ★

Aqui você encontra informações quentíssimas sobre programas de rádio e dicas sobre seus disc-jóqueis preferidos.



**EZIO RIBEIRO**



**PARABÉNS À RGE PELO 20.º ANIVERSÁRIO!**

Há vinte anos atrás, nasceu para a música brasileira uma intérprete de voz rouca e sensual: Maysa!

Com ela, surgia no mercado a RGE Discos do Brasil. Maysa foi a primeira contratada da RGE e também uma das suas maiores estrelas.

Para comemorar seu 20.º ano de atividades entre nós, a RGE lança a série intitulada

*Aniversário.* Toquinho & Vinícius, Miltoninho, Agostinho dos Santos, Erasmo Carlos, Simonetti e Maysa são os nomes que compõem este lançamento. O álbum de Maysa, que já está à venda, contém 28 de seus maiores sucessos nacionais e internacionais.

Parabéns à RGE pelos seus 20 anos a serviço da música brasileira.



★ **CURTINHAS** ★

● Ney Gonçalves Dias deixa a Rádio Tupi (S.P.). O seu *Jornal da Terra*, que era apresentado na emissora, agora vai para a Globo/Nacional de São Paulo.

● Dário Campos (Rádio Re-

cord de São Paulo) voltou bastante entusiasmado do Rio de Janeiro. Foi trabalhar seu compacto simples, recém-lançado pela Copacabana e que está fazendo o maior sucesso em São Paulo.



**SUPER CALENDÁRIO DE SETEMBRO COM OS ANIVERSARIANTES DO MÊS!**

Veja só que presentão estamos dando para você nesta edição, juntamente com os superposters de Denis Carvalho e Thais de Andrade: um calendário do mês de setembro, com os nomes de todos os artistas que aniversariam nestes 30 dias. E tem mais! Para seu calendário ficar completo, aqui vai uma sugestão: acrescente os nomes das pessoas que você gosta e que também fazem anos em setembro. É um ótimo lembrete para você não se esquecer de cumprimentá-los!

ULTIMA HORA S. P.

261 8 177

# Opinião 1

Fernando Roberto

## Nossos chorinhos, ao vivo

A RCA está lançando dois bons discos de música brasileira, gravados ao vivo: "O Fino da Música" e "Seis e Meia." O primeiro LP é uma síntese do show de mesmo nome realizado em maio no Anhembi, em São Paulo, reunindo os maiores chorões da MPB. O segundo junta Luiz Gonzaga e Carmélia Alves, o "rei" e a "rainha" do baião, num dos shows "Seis e Meia", que fez muito sucesso no Rio de Janeiro.

Quando uma emissora de rádio de São Paulo promoveu o primeiro "Fino da Música", em maio passado, no Anhembi, não poderia imaginar que a iniciativa tivesse tanto público. Mesmo sem a maciça publicidade da televisão, que costumava acompanhar os antigos festivais da Record, o "Fino da Música" lotou o auditório e deixou muita gente de fora.

Agora, quem não conseguiu assistir ao espetáculo tem a opção de um LP da RCA, que registra os melhores momentos do show. O primeiro "Fino da Música", consagrado ao nosso chorinho, conseguiu reunir músicos como Paulo Moura, Raul de Barros, Orlando Silveira e os conjuntos Fina Flor do Samba e Atlântico. Sobretudo, promoveu o reencontro dos antigos integrantes do célebre regional de

Canhoto — Dino, Meira, Canhoto, Jorginho e Altamiro Carrilho.

O disco, produzido pelo incansável pesquisador e radialista José Eduardo Homem de Mello, o "Zuza", procura refletir o clima de alegria, confraternização e espontaneidade do show. Raul de Barros, o "trombone de ouro" e sua orquestra abrem o LP com dois choros imortais: "Melodia Celestial" (do próprio Raul) e "Lamento" (de Pixinguinha e Vinicius de Moraes).

Um dos grandes momentos do disco está a cargo do Conjunto Atlântico, um dos mais antigos e tradicionais de São Paulo. O grupo cultiva o choro há quase 20 anos em São Paulo. O local onde o conjunto ensaia é ponto de encontro dos chorões do Rio, quando estes vêm a São Paulo. O conjunto revive os

chorinhos "Odeon" (de Ernesto Nazareth), "De Coração a Coração" (de Jacob Bittencourt) e "Flamengo" (de Bonfiglio de Oliveira).

Outro bom momento é proporcionado pelo regional de Canhoto, com dois grandes solistas: Altamiro Carrilho na flauta e Orlando Silveira no acordeon, em "Homenagem à Velha Guarda" (de Sivuca), "1x0" de Pixinguinha e Benedito Lacerda) e "Tico Tico no Fubá", de Zequinha de Abreu.

O mais famoso chorinho de todos os tempos, "Carinhoso", de Pixinguinha e João de Barro, encerra o disco. Nesta faixa, Raul de Barros no trombone, Altamiro Carrilho na flauta e Paulo Moura no sax dão um show de improvisação.

Já o disco que reúne Luiz Gonzaga e Carmélia Alves foi gravado num local menor, o "Seis e Meia", no Rio, sob a coordenação do jornalista Sérgio Cabral. Eles cantam, entre outras coisas, "Reis do Baião" (de Luiz Gonzaga e Luiz Bandeira), "Lorota Boa" (de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira) e "Forró do Mané Vito" (de Luiz Gonzaga e Zé Dantas).